

Quatro décadas de geologia

Eduardo "Guará" Camilher Damasceno

No ano de 2002 completaram-se os quarenta anos da graduação da terceira turma de geólogos da USP. Poderia ser considerada a quarta turma, se computada a turma zero, que era constituída por alguns estudantes de História Natural que migraram para o curso de Geologia. Válio-me da coluna "Pelas Pedras do Caminho Mineral" para registrar o aniversário da formatura da turma de 1962 ou turma "Prof. Dr. Henri Mau" e para lembrar algumas poucas passagens pitorescas.

A colação de grau ocorreu em 21 de dezembro de 1962, no Salão Nobre da Faculdade de Direito, no Largo de São

Francisco, ao som da marcha "Paris Belfort", tocada pela Banda da Polícia Militar. Completavam-se os 30 anos da Revolução de 1932 e o nosso "padrinho", o Professor Reynaldo Saldanha da Gama, um dos líderes do movimento constitucionalista, procurou marcar a efeméride providenciando o toque da música símbolo da luta dos paulistas e "cavando" o Salão Nobre do Largo de São Francisco com o Diretor da Faculdade de Direito, na época o Professor Gama e Silva. O Reitor da USP era o Professor Ulhôa Cintra e o Professor Mário Guimarães Ferri, o Diretor da FFC

Pedro de Moura, na época Superintendente Geral do DEPEX/ PETROBRÁS, foi o paraninfo da turma e homenageado em reconhecimento pelo seu trabalho em prol do petróleo nacional. Recentemente, nes-

ta mesma coluna, na **Brasil Mineral** n. 198, o Dr Acyr Ávila da Luz destacou o pioneirismo de Pedro de Moura.

Esta turma teve o privilégio de assistir à edição da Regulamentação da Profissão do Geólogo, em meados de 62, pre-

Paleontologia e Mineralogia e Petrografia. Os estudos da turma transcorreram de 1959 a 1962 no casarão, infelizmente demolido, da Alameda Gleite, 163, nos Campos Elíseos (vide **Brasil Mineral** 199 e o site <http://planeta.terra.com.br/educacao/fdg>).

As aulas de Cálculo aconteceram na sede da FFCL, na rua Maria Antonia, e algumas disciplinas foram oferecidas na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, na época em implantação. Na CUASO já funcionava o Departamento de Física e para lá estavam sendo transferidos os Departamentos de Botânica e a Zoologia. Chegar à Cidade Universitária naquela época era



Pedreira de varvito em Itú. Da esquerda para a direita: Ódimo, Harold, Branly, Walmir, Nelson Ellert (sentado), Luiz Quadros e Kenitiro e o ônibus da CAGE (17 de outubro de 1961)

cedida de muita luta nos bastidores da Câmara Federal, vencida com a ajuda preciosa do Deputado Ranieri Mazzilli, político influente e por duas vezes presidente interino da República. Mazzilli tinha um filho que estudava Geologia no Rio de Janeiro, numa turma contemporânea. Além da ajuda na regulamentação, o deputado também conseguiu aprovar uma lei, que vigiu por um ou dois anos, que isentava os estudantes de geologia da obrigatoriedade do serviço militar! Alguns integrantes da turma de 1962 e de 1963 se beneficiaram dessa vantagem.

A turma Prof. Henri Mau graduou-se pela FFCL - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, unidade onde funcionava o Curso de Geologia, vinculado aos Departamentos de Geologia e

quase uma aventura: atolar nos dias chuvosos não era incomum e havia uma única linha de ônibus da CMTC, saindo da Praça do Expedicionário, no final da Avenida Paulista, do lado do Pacaembu e que chegava à Cidade Universitária pela Corifeu de Azevedo Marques e Estrada da Capelinha, acesso hoje desativado. Houve períodos em que o transporte era feito em ônibus fretados pela USP. Raríssimos colegas dispunham de veículo próprio; às vezes o pai de um dos mais abastados emprestava o automóvel!

A turma era formada por quarenta "marmanjos" e não havia nenhuma colega. Naquela época, os cursos de geologia, pouco conhecidos, ainda não atraíam o público feminino, embora existissem raras colegas contemporâneas, nas turmas precedentes ou subseqüentes.

PELAS PEDRAS DO CAMINHO MINERAL

O curso de Geologia da USP foi criado na segunda metade da década de 1950. Iniciativa idêntica havia sido tomada nas universidades federais de Porto Alegre, Salvador, Recife e Rio de Janeiro, além do curso de engenheiros geólogos em Ouro Preto. Os cursos recebiam importante apoio da CAGE – Campanha de Formação de Geólogos, entidade criada em 1956 no Ministério da Educação e Cultura no Governo Juscelino Kubitschek, estadista cujo centenário de nascimento foi comemorado no último dia 12 de setembro, por coincidência, no mesmo ano em que a terceira turma completou 40 anos de formatura.

A missão da CAGE, conduzida pelo Prof. Euvaldo Lodi, era a de formar no País geólogos capacitados a promover o conhecimento da geologia e do patrimônio mineral da nação. E esta determinação foi decisiva, bastando citar alguns poucos exemplos para confirmar a tese: na época da criação dos cursos de geologia o mapa geológico do Brasil, na escala 1:5.000.000, era colorido quase que inteiramente com duas cores, uma parte rosa indicando o Pré-cambriano Indiferenciado e outra o amarelo das Bacias Sedimentares Fanerozóicas; a possibilidade de autosuficiência em petróleo era uma quimera; a Amazônia era um território desconhecido do ponto de vista geológico e a Serra dos Carajás aparecia nos mapas com a toponímia de Serra dos Pacaás Novos; depósitos de minerais radiativos se limitavam ao tório do Morro do Ferro, em Poços de Caldas; cassiterita era importada da Bolívia e iniciava-se a exploração do manganês na Serra do Navio. Compare-se com o conhecimento atual da geologia brasileira, com o que se produz ou com o que foi produzido!

Todos os quarenta alunos da turma recebiam uma bolsa de estudos, concedidas pela CAGE ou pela PETROBRÁS. A bolsa, de quatro mil cruzeiros, se constituía em importante ajuda para a manutenção de vários dos estudantes na capital, pois a grande maioria era de cidades do interior – Guaratinguetá, Santos, Ribeirão Preto, Pedregulho, Atibaia, Caçapava, Artur Nogueira, Itapira, Araraquara, São José do Rio Preto, São João da Boa Vista, Jacareí, Mogi das Cruzes, Duartina, de Minas Gerais e até de Barcelona.

Alguns dos professores eram não-brasileiros e ministravam as aulas em inglês ou em português “arrastado”: os norte-americanos Gene Edward Tolbert, Norman Herz e John T. Stark, que lecionavam Geologia Econômica, Geoquímica e Geologia Estrutural, respectivamente; o sueco Rudolf Kollert, Geofísica; o italiano Mauro “Laguinhose” Ricci, Aerofotogeologia e o alemão Viktor Leinz, Geologia Geral.

Completavam o quadro docente diversos outros mestres: Alceu Fábio Barbosa, Topografia; Aylton Brandão Joly e Antonio Lambert, Botânica; Rui Ribeiro Franco “e as maravilhosas descrições dos minerais”, João Ernesto de Souza Campos, William Gerson Rolim de Camargo, José Moacyr Vianna Coutinho e Reynaldo Saldanha da Gama, além de Vicente José Valarelli e Altamir Benedito de Oliveira, ambos de saudosa memória, Celso Barros Gomes e Vicente Girardi, todos geólogos formados nas turmas precedentes, no conjunto de disciplinas de Mineralogia e Petrografia; Ernesto Giesbrecht, Madeleine Perrier e Geraldo Vicentini, nas “puxadas” aulas de Química; João Dias da Silveira “e os seus mapas de hachuras da França, herança do exército de Napoleão”, Geomorfologia; Clodowaldo Pavan “e a sua lambreta” e Antonio Brito da Cunha, Biologia; Berta Morretes, Claudio Froehlich e Michel Sawaya, Zoologia; Fernando Furquim de Almeida e João Batista Castanho “e o jornal que lia durante as provas”, Cálculo; Otávia Borelo, Suzana Santos Vilaça e Therezinha M. J.W. de Campos, Física; Josué Camargo Mendes e o contemporâneo Antonio Carlos Rocha Campos, Paleontologia; Geraldo Conrado Melcher, Prospeção e Aerofotogeologia; Setembrino Petri, Sérgio “Serjão” Estanislau do Amaral, Rui “ROF” Osório de Freitas, Faustino Penalva e Henri Mau ambos de saudosa memória, Evaristo “Tito” Ribeiro Filho, Reinholdt “Reinaldo” Ellert e os contemporâneos Adolfo José Melfi, Yociteru Hasui, Umberto Cordani, Paulo M.C. Barreto e André Davino no conjunto de disciplinas de Geologia Geral, Histórica, Econômica, Estrutural, Sedimentologia, Estratigrafia e Geofísica. Um excelente staff de professores!



Usina do Calabouço, Apiaí (estágio de férias). Agachados, da esquerda para a direita: Domingos, Harold, Kenitiro, Odimar, Ercílio, Adilson, Nelson, Ellert, Aledir e Maurício. Em pé, primeira fila, Paulo, Gilberto, Jiro, ...

O Serjão era um dos mais admirados, com personalidade marcante, fala “pauusaaada” e sotaque caipira; além de excelente docente de Sedimentologia e de outras matérias, era expert em degustar cachaças dos alambiques de Bofete, gostava de bodoque e promovia competições de estilingue onde os alvos eram lâmpadas queimadas penduradas numa laranjeira do quintal da sua casa na Estrada das Boiadas (Av. Diógenes Ribeiro de Lima, defronte à Praça Betone). Era profundo conhecedor do vernáculo, mas não se eximia dos palavrões quando era chamado pelo seu carinhoso apelido! Trabalhou intensamente na elaboração do livro “Geologia Geral”, em co-autoria com Viktor Leinz. Na pessoa do inesquecível e saudoso Serjão, a homenagem a todos os mestres.

O curso caracterizava-se pelo elevado número de visitas técnicas e atividades de campo. Dispunha o Curso de Geologia de um ônibus Mercedes, azul e branco da CAGE, que era dirigido com maestria pelo colega Mauro. O estágio obrigatório de campo foi realizado em julho de 1961, na região de Apiaí e Iporanga, sob rigoroso e chuvoso inverno. O acampamento ficava na Usina do

PELAS PEDRAS DO CAMINHO MINERAL



...Gabriel, Issao (de chapéu de palha), Waltir e Luis Quadros. Ao fundo, Davis, Aluizio Pernambuco, Damasceno, Roberto Daemon, Professores Sergio e Setembrino (13 de julho de 1961).

Calabouço, pertencente ao IPT. Este estágio durou cerca de vinte dias e o prato de todo dia era fiambrada e ovo cozido! O Professor Faustino Penalva, encarregado do rancho, havia comprado dezenas de caixas de fiambrada! Ninguém agüentava mais!

O jeito era caminhar até a cidade de Apiaí, nas curtas folgas dos domingos, para tomar cerveja e comer um churrasco mais decente ou esperar por uma das atividades do estágio - o mapeamento geológico/estrutural ao longo da estrada entre Apiaí e Iporanga, no Vale do Rio Betari - cuja responsabilidade era do Professor Stark. Nesta etapa, além do excelente aprendizado, aguardava-se com ansiedade a hora do lanche, que era preparado com esmero pelo Aluizio Pernambuco, o motorista da Chevrolet Apache, e uma espécie de mordomo do mestre americano. Como pessoas educadas, o Aluizio e o Stark sempre convidavam o grupo de estudantes a participar do lanche, coisa que ninguém recusava! Dureza era uma outra etapa, a de mapeamento geológico no escarpado Vale do Gurutuba e na qual não se escapava do sanduíche de fiambrada! Um pouco mais amena era a prática topográfica com prancheta, realizada nos

arredores do acampamento, o que permitia tomar uma refeição quente, muitas vezes fiambrada frita.

Marcantes foram as visitas à pedreira da Estrada de Ferro Sorocabana, em São Roque, vizinha da adega de vinhos Zumkeller e o porre no retorno; à Mina de Morro do Níquel e a passagem por Passos, onde os estudantes de geologia eram sempre aguardados; à Baixada Santista, aos lujauros e chibinitos com eudialita e bauxita de Planalto de Poços de Caldas, cujo aproveitamento estava sendo iniciado; à ORQUIMA, uma empresa privada, que funcionava na esquina da Av. Santo Amaro com a rua Vieira de Moraes onde, naquela época, era feita a separação dos elementos de Terras Raras contidos na areia monazítica; lá havia um cofre onde eram guardados vários frascos contendo európio e outros lantanídeos puros.

O final dos anos 1950 e o início da década de 60 foi um período de agitação política, que viria culminar com o período de exceção de 1964. Terminava o governo Juscelino, com os famosos cinquenta anos em cinco, nascia a indústria automobilística, Brasília acabava de se tornar capital, Jânio Quadros renunciava e João Goulart o sucedia, acarretando toda a agitação subsequente, Fidel firmava-se em Cuba e Kennedy era assassinado. O movimento estudantil era intenso, com diversas greves, das quais a mais famosa e longa logrou obter a almejada representação discente nos colegiados da USP.

Ao final do curso havia boa oferta de empregos, o que permitia até o luxo de escolha. Era só esperar sentado no banco do pátio da Glete, que empregadores interessados ou amigos dos próprios mestres vinham à procura de geólogos. Tempos bons! Com este cenário, toda a turma saiu da USP empregada: metade na PETROBRÁS, cinco ou seis na CNEN - Comissão Nacional de Energia Nuclear, que estava sendo organizada, meia dúzia seguiu carreira acadêmica no próprio curso de Geologia e dois ou três foram pioneiros da geologia aplicada à engenharia, setor que se intensificava no IPT. Poucos foram para a mineração: a ICOMI procurava um geólogo, uma oportunidade rara e disputada, pois, naquela época a Serra do Navio era o paradigma da mineração nacional. Consta que a vaga teria sido decidida entre dois bons candidatos, ambos portadores de excelentes currículos e dotados de inglês fluente, pela carteira de motorista da qual só um deles dispunha!

Não é possível enumerar a enorme contribuição dos integrantes da turma de 1962 nestas quatro décadas aos vários segmentos da geologia. Lembro-me apenas de alguns: pesquisa de petróleo, urânio, manganês, diamante, bauxita, chumbo, zinco, carvão, areia e muitos outros minérios, mineração, mapas geológicos, pesquisas científicas e tecnológicas, geofísica, hidrogeologia, geologia de engenharia, ensino e formação de pessoal e redação de livros técnicos. □

Parabéns, colegas.

FORMANDOS DA TURMA DE 1962

Adilson Carvalho, Aledir Paganelli Barbour, Antonio Michel Aborrage, Arnaldo Bohn Vieira, Ayrton Noris, Branly Julião, Cirano Rocha Leite, Davis Rodrigues, Domingo Llorca Sanchez, Eduardo Camilher Damasceno, Ercílio G. Gama Júnior, Fábio Bueno de Camargo, Fernando Pires Camargo, Francisco de Assis S. Nazário, Gabriel Corrêa Leite, Gilberto Amaral (+), Harold Nogueira, Hélio Rocarati, Isao Noguti, João Cherubini Neto, Jiro Maruo, Joerg Bruder (+), José Celso Favali, Kenitiro Suguio, Leonardo Jan Wronski, Luis Carlos Toffoli, Luiz Padilha de Quadros, Manoel Carlos T.F. de Godoy, Mário V. Renzo Piscetta, Mauricio Galvani, Námio Uesugui, Nelson Ellert, Nelson Alves Mourão, Nelson Scheinkman, Newton Mosaner de Almeida, Nicolau Morrone, Odimar A. J. de Campos, Ódimo Francesconi, Osvaldo Costa, Paulo Márcio C. Horschutz, Plínio Di Giorgi, (orador da turma), Roberto Breves Vianna, Roberto F. Daemon, Ronald José Otoni de Mesquita (+), Tetuo Nitta, Vicente José Fúlfaro, Walimir Abreu e Waltir Guazelli.

(+) *Falecidos*

BRASIL mineral 1

MINERAÇÃO - METALURGIA - SIDERURGIA - PETRÓLEO

Ano XIX - Dezembro/Janeiro de 2003 - Nº 212 - R\$ 6,00 - ISSN 0102-4728

GOIÁS

Impulso à mineração

Votorantim Metais ► a ordem é investir e crescer